

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
17 e 26 de Junho de 2023
AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA

SVARDZELLI / 2017
“A Cadeira”

Um filme de Eldar Chenguelaia

Argumento: Eldar Chenguelaia e Giorg Tskhvediani / *Diretor de fotografia (cor):* Gorka Gómez Andreu / *Cenários, figurinos e música:* não identificados / *Montagem:* Grigol Palavandishvilli / *Som:* Paata Godziashvilli / *Interpretação:* Niko Tavadze (*Giorgi*), Qeti Asatiani (*Donara*), Nineli Chankvetadze (*Magda*), Aaron Charles (*Malkhaz*), Vano Gogitidze (*Armen*), Natalia Jugheli (*Anka*) e outros.

Produção: Centro Georgiano de Cinema (Tbilissi) / *Cópia:* do Centro Georgiano de Cinema (Tbilissi), digital (dcp), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 97 minutos / *Estreia mundial:* Tbilissi, 14 de Setembro de 2017 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Svardzelli é a última longa-metragem realizada, à data de hoje, por Eldar Chenguelaia (foi seguida pela curta-metragem **Cha**, em 2020), aos oitenta e quatro anos de idade. Como outros filmes realizados por cineastas em idade já muito avançada tem algo de despedida e balanço, além de duas outras características da maioria dos filmes “de velho”: uma grande liberdade, devido ao espírito lúdico que orienta a realização e também um certo afrouxamento narrativo, alguma dispersão.

Apesar das diferenças formais evidentes, é possível estabelecer um paralelo entre este filme e “**As Montanhas Azuis**”, o filme de Chenguelaia mais conhecido além-fronteiras, na medida em que ambos são sátiras à burocracia georgiana e às gritantes diferenças que existem entre as regras e a prática, que, a julgar por estes filmes, não são muito diferentes em tempos de Leonid Brejnev e nos dias de hoje. Nestes dois filmes, as diferenças entre a Geórgia soviética e a “globalizada” são apenas de fachada: um parque automóvel moderno, secretárias que andam de patins pelos corredores dos ministérios, inevitáveis aparelhos de ginástica, placas em inglês à porta dos edifícios, imigrantes negros. O nepotismo, a absoluta falta de civismo, a corrupção, o parasitismo, a irresponsabilidade perduram, pois por detrás de qualquer regime político subsistem as realidades de um país e das suas mentalidades e a complacência geral com o que se passa. Como é dito no desenlace, “*sempre foi e sempre será assim*”. Como em “**As Montanhas Azuis**” Chenguelaia optou por um tom de sátira, a que acrescentou uma dose de fantasia que dá ao filme um ligeiro toque fantástico: alguns objetos se animam, a começar pelo objeto que dá título ao filme, uma *cadeira do patrão*, irrisório equivalente de um trono real, emblema de poder que é mais real do que este poder. Há inclusive uma revolta dos objetos (um trompete, um vaso) que atacam os membros da tropa de choque que vêm expulsar o protagonista e a sua família da casa que o Estado lhes concedera, num gesto que foi considerado ilegal quando o poder político mudou de mão e, por conseguinte, os comensais do tesouro público passaram a ser outros. Na primeira metade do filme, cerca de quarenta minutos, tudo gira à volta da vida profissional do protagonista, na segunda tudo se orienta à volta da sua vida familiar, que foi abalada pelo sismo corrido na sua vida profissional. Num exemplo claro da dispersão narrativa do filme, à medida que o desenlace se aproxima, o clã familiar se reaproxima e se reconstitui (com a presença de crianças mestiças) para que tudo desemboque num complacente e algo regressivo *happy end*.

Antonio Rodrigues